

Presidência do Senado já tem sete na disputa

Tarcísio Holanda

Os senadores Humberto Lucena, Marco Maciel e Alexandre Costa, respectivamente líderes do PMDB e do Governo e 1º vice-presidente do Senado, são os candidatos ostensivos a presidente daquela Casa, mas a lista inclui, ainda, os senadores José Sarney e Pedro Simon, no PMDB, Guilherme Palmeira e Élcio Álvares no bloco governista.

A presidência do Senado é cargo que exige uma tenaz e delicada tessitura da parte de quem o aspira, como lembrava, ontem, o senador Mauro Benevides, atual ocupante do cargo. O que dificulta as coisas para candidatos não declarados, como o senador José Sarney, que já confessou a Humberto Lucena que não pretende disputar.

Preliminar — Além disso, existe uma preliminar ainda não vencida — é preciso saber se continuará cabendo ao partido majoritário o direito de indicar o presidente do Senado ou se esta prerrogativa passaria a ser privilégio de um bloco parlamentar que se revelasse majoritário, como desejam os líderes governistas.

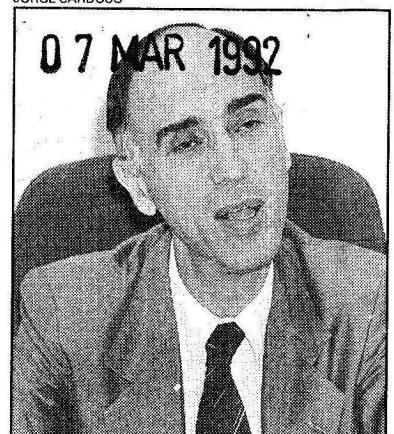
Intramuros, sabe-se que o futuro ministro-chefe da Secretaria de Governo, Jorge Bornhausen, comunga da idéia do senador Marco Maciel, atual líder governista na Casa, para quem é passo importante o Governo conquistar as presidências do Senado e da Câmara, sobretudo porque as novas Mesas comandarão o processo de revisão constitucional, que deverá se iniciar após o dia 5 de outubro de 1993.

Logo depois de anunciado o nome de Jorge Bornhausen como futuro secretário de Governo, fruto de manobra urdida pelo senador Guilherme Palmeira, iniciaram-se algumas articulações com vistas à constituição do bloco governista majoritário. O senador Ney Maranhão revelou que tinha 38 senadores dispostos a integrar o bloco, membros do PFL, PRN, PTB, PDC e PDS.

JEFFERSON PINHEIRO



JORGE CARDOSO



Lucena: opção para o PMDB

Tanto bastou para que o senador Humberto Lucena, líder do PMDB, partido que detém a maior bancada isoladamente (27 senadores) saísse a campo para conseguir a adesão dos líderes do PDT (Maurício Corrêa), PSDB (Fernando Henrique Cardoso), PT (Eduardo Suplicy) e do PSB (José Paulo Bisol) a um bloco das Oposições — maior do que o do Governo, pois teria 43 senadores.

Os governistas trataram de fazer um recuo tático, adiando o exame do problema para depois do Carnaval. Antes das festas carnavalescas, realizaram uma reunião da bancada do PFL, quando surgiram restrições à formação de um bloco meramente governista da parte dos senadores Josaphat Marinho (PFL-BA) e Élcio Álvares (PFL-ES). Hoje, o líder Marco Maciel admite que o bloco não pode ser costurado antes de uns 60 dias.

Radicalização — O senador Mauro Benevides, presidente do Senado, mantém-se coerente na defesa do ponto de vista de que a formação de blocos contribuirá para maior radicalização, especialmente em um plenário pequeno como o do Senado. Mauro, que conseguiu evitar a formação do bloco para fazer valer o direito do PMDB e, portanto, o seu, de ocupar a presidência do Senado, julga-se à vontade, agora, para combater a idéia, defendendo a tese de que aquele caminho enfraquece os partidos.

No Senado, a decisão do senador Alexandre Costa de se lançar candidato a presidente foi interpretada — e ainda hoje o é — como uma forma de ocupar espaço para o seu amigo e aliado, o senador do Amapá e ex-presidente José Sarney. Mas,

CORREIO BRAZILIENSE

para alguns senadores bem informados a respeito da movimentação da Casa, Alexandre tomou gosto e parece decidido a lutar para conquistar a posição.

Nos últimos dias, circularam rumores de que estaria sendo articulada no PMDB a candidatura do senador José Sarney, contando com franca simpatia do presidente do partido, Orestes Quérzia. Embora amigo pessoal e aliado de Sarney, o senador Mauro Benevides afirma que, para conquistar o cargo, é preciso que o aspirante se disponha a um trabalho persistente e sempre penoso de articulação, ouvido a ouvido.

Como o senador José Sarney não se declara candidato, fica difícil para ele a realização desse trabalho. O ex-presidente, abordado pelo senador Humberto Lucena, notório aspirante, negou que seja candidato. Além disso, acresce assinalar que é escassa a influência de Quérzia sobre os senadores, muito ciosos, todos e cada um deles, do direito que têm de escolher soberanamente o presidente da Casa.

Já houve quem admitisse a possibilidade de uma disputa em plenário pela presidência do Senado — o que eliminaria o estágio partidário e até o bloco. O senador Alexandre Costa, que goza de fácil trânsito entre os senadores de todos os partidos, foi um dos parlamentares que admitiram essa possibilidade.

A próxima semana mostrará sinais mais nítidos em relação ao ânimo dos líderes governistas de constituir um bloco ou de mantê-lo na geladeira, enquanto esfriam as emoções provocadas pela reação de Lucena e outros líderes oposicionistas.